



Psicodrama e novos paradigmas da ciência: integrações possíveis e necessárias.

Marlene Magnabosco Marra¹

Liana Fortunato Costa²

RESUMO

Esta mesa-redonda discutirá a interface epistemológica entre o Psicodrama, o Pensamento Sistêmico, a Interseccionalidade e o Construcionismo Social buscando compreender de que maneira esses referenciais podem dialogar na análise das relações humanas e na produção de conhecimento no campo das ciências humanas.

Palavras-chave: Psicodrama. Pensamento sistêmico. Interseccionalidade. Construcionismo social. Ciência.

1 INTRODUÇÃO

A compreensão das relações humanas tem sido historicamente marcada por abordagens que privilegiam a fragmentação dos fenômenos sociais e psicológicos. Durante longo período, os modelos científicos predominantes sustentaram uma visão que separava sujeitos, objetos de investigação e contextos socioculturais, limitando a apreensão da complexidade inerente às experiências humanas (DE VASCONCELLOS, 2002; MORIN, 1996; MORIN, 2003;).

Em contraposição a essa perspectiva, diferentes correntes teóricas contemporâneas têm buscado ampliar as formas de interpretação da realidade, valorizando a interdependência entre dimensões individuais, sociais e culturais (SANTOS, 1996; MCNAMEE, 2019; CABRERA ET AL., 2025).

Nesse cenário, ganha relevância a aproximação entre referenciais como o Psicodrama, a Perspectiva Sistêmica, a Interseccionalidade e o Construcionismo Social, que, embora possuam origens e desenvolvimentos distintos, compartilham preocupações com a contextualização das relações humanas e com a construção relacional dos sentidos (MARRA, 2023).

¹ Doutora em Psicologia Clínica e Cultura, coordenadora pedagógica do Instituto Aprender Vivo e marlenemarra1@gmail.com.

² Doutora em psicologia Clínica, professora emérita do Instituto de Psicologia da UnB e lianaf@terra.com.br.

Essa mudança de perspectiva encontra respaldo nas reflexões de Edgar Morin (2003), quem critica as limitações dos antigos paradigmas de conhecimento ao evidenciar a insuficiência de métodos baseados em visões separatistas da realidade.

A relevância dessa discussão torna-se ainda mais evidente diante dos desafios contemporâneos enfrentados em diferentes campos de atuação profissional, como a clínica, a educação, as organizações e as políticas sociais. Os problemas humanos e sociais que emergem nesses contextos apresentam características multifacetadas e frequentemente contraditórias, exigindo abordagens que considerem tanto os aspectos subjetivos quanto os elementos contextuais que influenciam as relações. O reconhecimento da complexidade dessas interações amplia as possibilidades de compreensão dos conflitos e favorece o desenvolvimento de intervenções mais sensíveis às condições concretas em que o sofrimento humano se manifesta (SANTOS, 2004; RASERA; JAPUR, 2005; MCNAMEE; RASERA; MARTINS, 2024).

Partindo desse contexto teórico e epistemológico, esta mesa-redonda terá como objetivo construir uma discussão reflexiva sobre a interface entre essas bases teóricas, buscando identificar convergências conceituais e possibilidades de diálogo entre esses referenciais entendendo que a aproximação entre tais abordagens pode contribuir para ampliar a compreensão das relações humanas ao reconhecer a interdependência entre os processos psíquicos e sociais (BRAZ; CARRETEIRO, 2024), favorecendo análises mais integradas e contextualizadas dos fenômenos que atravessam a experiência humana contemporânea.

2 DESENVOLVIMENTO

A articulação entre Psicodrama, Perspectiva Sistêmica, Interseccionalidade e Construcionismo Social sustenta uma compreensão ampliada das relações humanas, alinhada ao paradigma da complexidade. Embora provenientes de campos teóricos distintos, essas abordagens compartilham pressupostos epistemológicos que valorizam a dimensão relacional da experiência humana, o papel do contexto na produção de sentidos e a crítica a modelos explicativos centrados no indivíduo isolado (MARRA, 2023).

O Psicodrama:

Campo Grande, 01 a 06 de junho de 2026

Formulado por Jacob Levy Moreno, constitui um método de ação que compreende o sujeito em suas relações sociais. Seus fundamentos epistemológicos articulam espontaneidade, criatividade e tele, conceitos que expressam a capacidade humana de responder de modo novo às situações e produzir transformações na realidade. Ao privilegiar a dramatização, o trabalho grupal e a concretização das relações em cena, o psicodrama amplia a compreensão das experiências humanas e favorece a expressão de dimensões subjetivas que frequentemente escapam aos métodos tradicionais de investigação (MORENO, 1984; MENEGAZZO ET AL., 1995).

A perspectiva sistêmica:

Emergiu como crítica ao reducionismo da ciência moderna, propondo compreender os fenômenos humanos como partes interdependentes de sistemas mais amplos. Inspirada na Teoria Geral dos Sistemas, desloca o foco do indivíduo isolado para os padrões de interação e para os contextos nos quais os significados se constroem. Assim, a realidade é compreendida como dinâmica e relacional, aproximando-se do psicodrama ao reconhecer que as transformações emergem nas relações e nos processos de interação (DE VASCONCELLOS, 2002).

A interseccionalidade:

Constituiu um marco analítico que evidencia como marcadores sociais — como raça, gênero e classe — se articulam na produção de desigualdades e vulnerabilidades. Ao analisar essas intersecções, amplia-se a compreensão das relações sociais e das diferentes posições ocupadas pelos sujeitos nos contextos históricos e culturais, dialogando com perspectivas que reconhecem a influência dos contextos e das estruturas sociais nas experiências individuais (AKOTIRENE, 2019; COLLINS, 2024).

O construcionismo social:

Compreende que a realidade e os significados são construídos nas interações humanas, especialmente por meio da linguagem e das práticas discursivas. Em diálogo com o pensamento sistêmico e com o psicodrama, enfatiza o papel das conversações e narrativas na construção de

sentidos. A articulação entre essas abordagens favorece práticas investigativas e interventivas que reconhecem a complexidade das relações humanas e promovem a construção compartilhada de novos significados (GERGEN, 1999; MCNAMEE; RASERA; MARTINS, 2024; ANDERSON, 2011).

Desse modo, tem-se que esses referenciais não apenas ampliam as possibilidades de investigação, mas também sustenta práticas profissionais e científicas mais sensíveis às dinâmicas contemporâneas de diversidade, desigualdade e transformação social.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ensaio busca construir uma reflexão teórico-epistemológica acerca da interface entre Psicodrama, Perspectiva Sistêmica, Interseccionalidade e Construcionismo Social, evidenciando como esses referenciais podem contribuir para uma compreensão mais ampla das relações humanas e dos fenômenos sociais contemporâneos. Partiu-se da premissa de que as interações humanas e as subjetividades não podem ser plenamente compreendidas por meio de modelos explicativos lineares, baseados exclusivamente em relações de causa e efeito, uma vez que tais fenômenos se constituem em contextos históricos, culturais e relacionais complexos.

Nesse sentido, defende-se o diálogo entre essas perspectivas teóricas favorecendo a construção de abordagens mais sensíveis à complexidade da realidade social. O Psicodrama, ao privilegiar a ação, a intersubjetividade e o trabalho grupal, oferece instrumentos importantes para a expressão e a compreensão das dinâmicas relacionais.

A Perspectiva Sistêmica, por sua vez, amplia o olhar ao situar o indivíduo em redes de interação mais amplas, reconhecendo a interdependência entre sujeitos, instituições e contextos sociais. A Interseccionalidade contribui ao evidenciar como marcadores sociais, como raça, gênero e classe, atravessam essas relações, produzindo diferentes experiências de reconhecimento, poder e vulnerabilidade. Já o Construcionismo Social ressalta o papel da linguagem, das narrativas e das práticas discursivas na produção dos significados que organizam a vida social.

Essa articulação permite compreender que os fenômenos humanos são simultaneamente



subjetivos, relacionais e sociais, exigindo abordagens teóricas e metodológicas capazes de dialogar com essa complexidade. Tais perspectivas mostram-se complementares e oferecem ferramentas relevantes para profissionais e pesquisadores das ciências humanas e sociais que buscam responder às demandas contemporâneas, marcadas por transformações sociais aceleradas, desigualdades persistentes e novos desafios éticos e políticos.

Por fim, reafirma-se a importância das universidades e centros de formação na promoção de práticas investigativas e profissionais comprometidas com o paradigma da complexidade, integrando produção de conhecimento, intervenção social e formação crítica. Ao reconhecer a complementaridade entre esses referenciais teóricos, abre-se espaço para práticas mais reflexivas, colaborativas e contextualizadas, capazes de contribuir para a compreensão e o enfrentamento das problemáticas humanas e sociais do tempo presente.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Boitempo, 2019.
- ANDERSON, Harlene. Conversação, Linguagem e possibilidades. Um enfoque pós-moderno de terapia. São Paulo: Editora Roca, 2011.
- COLLINS, Patricia Hills. (2024). Intersecções letais. Raça, gênero e violência. São Paulo: Boitempo, 2024.
- GERGEN, KENNETH J. An invitation to social construction. 1ª ed. Nova Iorque: Sage Publications, 1999.
- MCNAMEE, Sheila. (2019). Diálogo Transformador: coordenando moralidades conflitantes. Em GRANDESSO, Marilene (ed.). Construcionismo Social e Práticas Colaborativo-Dialógicas: Contextos de Ações Transformadoras. Curitiba: Editora CRV, 2019, p. 57-70.
- MCNAMEE, Sheila; RASERA, Emerson Fernando; & MARTINS, Pedro. (2024). Praticando a terapia como construção social. São Paulo: Instituto NOOS, 2024.
- MENEGAZZO, Carlos María, ZURETTI, María Mónica, TOMASINI, Miguel Angel e colaboradores. Dicionário de Psicodrama e Sociodrama. São Paulo: Editora Ágora, 1995.
- MORENO, Jacob Levy. Psicodrama. São Paulo: Cultrix, 1984.
- MORIN, Edgar. Epistemologia da Complexidade. Em SCHNITMAN, Dora Fried (ed.). Novos Paradigmas. Cultura e Subjetividade. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.



MORIN, Edgar (2003). Prefácio. Em ALMEIDA, Ângela Maria; ALMEIDA, Maria da Conceição; KNOBB, Margarida (eds.), Polifônicas Ideias. Por uma ciência aberta. Porto Alegre: Sulina, 2003, p. 7-17.

CABRERA, María Daniela Osorio; BISIO, Lucia Berreto; LÓPEZ, Helena Hernández; PEREIRA Nazarena Guerra; & FERREYRA, Alicia Rodríguez. Revisitar nuestros marcos de inteligibilidad: articulaciones entre la Psicología Social Comunitaria, las Epistemologías Feministas y el pensamiento decolonial. *Interamerican Journal of Psychology*, v. 59, 2025.

RASERA, Emerson Fernando; & JAPUR, Marisa. Os sentidos da Construção social: o convite construcionista para a psicologia. *Paidéia*, v. 15, n. 30, p. 21-29, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa (1996). *Pela Mão de Alice. O Social e o Político na Pós-Modernidade*. 2ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 1996.

Campo Grande, 01 a 06 de junho de 2026